

A SEÇÃO “POESIA” DO PERIÓDICO *A ESTAÇÃO* *THE SECTION “POESIA” IN THE MAGAZINE A ESTAÇÃO*

Bruna da Silva Nunes¹

Resumo: Neste artigo, propõe-se uma leitura da seção “Poesia”, veiculada no periódico *A Estação*: jornal ilustrado para a família, tomando por escopo o período de 1880 a 1884. Para tanto, parte-se de uma contextualização do suporte de publicação no intuito de situar a seção no projeto editorial da revista. Em momento posterior, é empreendida uma análise detida de poemas escritos por uma amostra de autores que colaboravam de forma recorrente na seção, composta por Luís Delfino, Alberto de Oliveira e Adelino Fontoura; a esse *corpus*, articulo um poema de Mello Moraes Filho que destoa do conjunto e mesmo da temática hegemônica da “Poesia”.

Palavras-chave: “Poesia”. *A Estação*. Século XIX.

Abstract: This paper presents a reading about the section “Poesia”, published in the magazine *A Estação*: jornal ilustrado para a família, covering the period from 1880 to 1884. To do so, I initially contextualize the original support of publication, in order to place the section in the editorial project of the magazine. Then, I carry out a detailed analysis of poems written by authors who collaborated on a recurring basis in the section – Luís Delfino, Alberto de Oliveira and Adelino Fontoura. Finally, I interpret a poem by Mello Moraes Filho also published in the section that clashes with the set and even with the hegemonic themes of “Poesia”.

Keywords: “Poesia”. *A Estação*. XIX. 19th century.

Introdução

Entre os anos de 1879 e 1904, circulou no Brasil o periódico *A Estação*: jornal ilustrado para a família². Publicada pela Livraria e Tipografia Lombaerts & Comp – pertencente, na altura, ao belga Henri Gustave Lombaerts –, a revista tinha nas mulheres seu público-alvo, ou mais precisamente, como lemos no editorial veiculado no primeiro número do periódico, as interlocutoras almeçadas seriam “toda mãe de família econômica, que deseje trajar e vestir suas filhas, segundo os preceitos da época” (OS EDITORES, 1879, p. 1).

A Estação era dividida em duas partes com paginação independente. A primeira era um caderno de modas, sendo seu conteúdo uma tradução³ da revista alemã *Die Modenwelt*⁴; já a segunda parte era um suplemento literário que, de acordo com o editorial supracitado, deveria ser tornado nosso. Desse modo, o suplemento, diferentemente do caderno de modas, era produzido majoritariamente a partir de textos de colaboradores brasileiros. “Na parte

¹ Doutora em Letras – Estudos de Literatura pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

² Neste artigo, será utilizada a grafia original dos nomes dos periódicos e dos títulos de seções. Já nos textos transcritos, a grafia será atualizada para uma melhor fluência de leitura.

³ A exceção fica por conta da “Chronica da moda”, coluna ora escrita diretamente para *A Estação*, ora traduzida da revista em língua francesa *La Saison*.

⁴ Além da tradução para o português, por meio d’*A Estação*, a *Die Modenwelt* também era traduzida para, no mínimo, mais 12 idiomas e distribuída em cerca de 20 países.

agradável e recreativa, devíamos torná-lo nosso, e assim o fazemos. Confiamos a parte literária da *Estação* a pessoas de reconhecida habilidade” (OS EDITORES, 1879, p. 1). Dentre as “pessoas de reconhecida habilidade”, encontram-se tanto intelectuais importantes à época, mas que atualmente são desconhecidos do grande público, quanto escritores que entraram para o cânone de nossa literatura. São exemplos Machado de Assis, Olavo Bilac, Artur Azevedo e Júlia Lopes de Almeida.



Cabeçalho d’*A Estação* (15/01/1879, n. p). Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira/Biblioteca Nacional.

O suplemento literário d’*A Estação* era organizado em seções, tais como a “Litteratura”, na qual Machado de Assis publicou contos como “O alienista” e “Capítulo dos chapéus”, a “Hygiene”, dedicada a apresentar conselhos sobre cuidados com a saúde, e a “Bibliographia”, que veiculava críticas literárias, sugestões e indicações de livros e periódicos. Além dessas, e dentre várias outras, uma seção que se destaca é a “Poesia”, objeto de análise deste artigo. Para empreender tal análise, optei por fazer um recorte que compreende um período de cinco anos, de 1880 a 1884, a fim de apresentar um panorama dos principais autores que colaboraram na seção e dos principais temas abordados. A leitura da seção – e dos outros textos d’*A Estação* – foi realizada nas edições digitalizadas pela Fundação Biblioteca Nacional e disponibilizadas na Hemeroteca Digital Brasileira no site <memoria.bn.br>⁵.

⁵ Apesar de o primeiro número d’*A Estação* datar de 15 de janeiro de 1879, o suplemento literário só está disponível no acervo da Hemeroteca, assim como de outros repositórios aos quais tive acesso, a partir do ano de 1880. Já que existem diversas informações de que o suplemento já era veiculado desde o início da circulação da revista, é possível que os suplementos de 1879 tenham se perdido ou estejam muito deteriorados, não tendo sido

A seção “Poesia” da revista *A Estação*

A seção “Poesia” é presença constante no suplemento literário d’*A Estação* durante os anos de 1880. Após esse período, apesar de poemas continuarem sendo publicados em quantidade expressiva, salvo algumas exceções, eles não mais são veiculados sob a rubrica. Na “Poesia”, deparamo-nos com poemas de um conjunto bastante diverso de autores – em pesquisa um tanto panorâmica pelos 25 anos de publicação, encontrei cerca de 40 nomes. No período correspondente ao escopo deste artigo (1880-1884), os poetas mais assíduos foram Luís Delfino, com 17 poemas, Alberto de Oliveira, com 11, e Adelino Fontoura, com 9. O soneto é a forma poética mais recorrente, embora conviva com outras mais populares, como as quadras em redondilha maior.

LITTERATURA

CAPITULO DOS CHAPÉOS

(Continuação)

cióvra
 Dans quel chapitre, s'il vous plaît?
 cióvra
 Dans le chapitre des chapeaux.
 MOLIÈRE.

Enquanto Sophia foi vestir-se, Marianna deixou-se estar na sala, inquietada e contente consigo mesma. Planeou a vida de toda aquella semana, marcando os dias e horas de cada cousa, como n'uma viagem official. Levantava-se, sentava-se, ia á janella, á espera da amiga.

— Sophia parece que morren, dizia de quando em quando.

De uma das vezes que foi á janella, viu passar um rapaz a cavallo. Não era inglez, mas lembrou-lhe a outra, que o marido levou para a roça, desconfiado de um inglez, e sentiu crescer-lhe o odio contra a raça masculina, — com excepção, talvez, dos rapazes a cavallo. Na verdade, aquelle era affectado demais; esticava a perna no estribo com evidente vaidade das botas, dobrava a mão na cintura, com um ar de figurino. Marianna notou-lhe esses dous defeitos; mas achou que o chapéu resgatava-os; não que fosse um chapéu alto; era baixo, mas proprio do apparelho equestre. Não cobria a cabeça de um advogado indo gravemente para o escriptorio, mas a de um homem que espaciaire ou matava o tempo.

Os taóes de Sophia desceram a escada, compassadamente. Prompta! disse ella d'ahi a pouco, ao entrar na sala. Realmente, estava bonita. Já sabemos que era alta. O chapéu augmentava-lhe o ar senhoril; e um diabo de vestido de seda preta, arredondando-lhe as formas do busto, fazia-a ainda mais vistosa. Ao pé della, a figura de Marianna desapparecia um pouco. Era preciso attentar primeiro nesta para ver que possuía feições mui graciosas, uns olhos lindos, muita e natural elegancia. O peor é que a outra dominava desde logo; e onde houvesse pouco tempo de as ver, tomava-o Sophia para si. Este reparo seria incompleto, se eu não acrescentasse que Sophia tinha consciencia da superioridade, e que apreciava por isso mesmo as bellezas do genero Marianna, menos derramadas e apparentes. Se é um defeito, não me compete emendal-o.

— Onde vamos nós? perguntou Marianna.

— Que tolice! vamos; passear á cidade... Agora me lembro, vou tirar o retrato; depois vou ao dentista. Não; primeiro vamos ao dentista. Você não precisa de ir ao dentista?

— Não.

— Nem tirar o retrato?

— Já tenho muitos. E para que? para d'al-o «áquelle senhor»?

Sophia viu nesta phrase que o resentimento da amiga persistia, e, durante o caminho, tratou de lhe pôr um ou dous bagos mais de pimenta. Disse-lhe que, embora fosse difficil, ainda era tempo de libertar-se. E ensinava-lhe um methodo para subtrahir-se á tyrannia. Não convinha ir logo de um salto, mas de vagar, com segurança, de maneira que elle dêsse por si quando ella lhe puzesse o pé no pescoço. Obra de algumas semanas, tres a quatro, não mais. Ella, Sophia, estava prompta a ajudal-a. E repetia-lhe que não fosse molle, que não era escrava de ninguém, etc. Marianna ia cantando dentro do coração a *marselheza* do matrimonio.

Chegaram á rua do Ouvidor. Era pouco mais do

meio dia. Muita gente, andando ou parada, o movimento do costume. Marianna sentiu-se um pouco atordoad, como sempre lhe acontecia. A uniformidade e a placidez, que eram o fundo do seu caracter e da sua vida, receberam daquella agitação os repelões do costume. Ella mal podia andar por entre os grupos de gente, menos ainda sabia onde fixasse os olhos, tal era a confusão das gentes, tal era a variedade das lojas. Conchegava-se muito á amiga, e, sem reparar que tinham passado a casa do dentista, ia ansiosa de lá entrar. Era um repouso; era alguma cousa melhor do que o tumulto.

— Esta rua do Ouvidor! ia dizendo.

— Sim? respondia Sophia, voltando a cabeça para ella e os olhos para um rapaz que estava na outra calçada.

Sophia, prática daquelles mares, transpunha, rasgava ou contornava as gentes com muita pericia e tranquillidade. A figura impunha; os que a conheciam gostavam de vela outra vez; os que não a conheciam paravam ou voltavam-se para admirar-lhe o garbo. E a boa senhora, cheia de caridade, derramava os olhos á direita e a esquerda, sem grande escandalo, porque Marianna servia a coonestar os movimentos. Nada dizia segundamente; parece até que mal ouvia as respostas da outra: mas fallava de tudo, de outras damas que iam ou vinham, de uma loja, de um chapéu... Justamente os chapéus, — de senhora ou de homem, — abundaram naquella primeira hora da rua do Ouvidor.

— Olha este, dizia-lhe Sophia.

E Marianna acudia a vel-os, femininos ou masculinos, sem saber onde ficar, porque os demonios dos chapéus succediam-se como n'um caleidoscopio. Onde era o dentista? perguntava ella á amiga. Sophia só á segunda vez lhe respondeu que tinham passado a casa; mas já agora iriam até ao fim da rua; voltariam depois. Voltaram finalmente.

— Uf! respirou Marianna entrando no corredor.

— Que é, meu Deus? Ora você! Parece da roça...

A sala do dentista tinha já algumas freguezas.

Marianna não achou entre ellas uma só cara conhecida, e para fugir ao exame das pessoas estranhas, foi para a janella. Da janella podia gozar a rua, sem atropello. Recostou-se; Sophia veio ter com ella. Alguns chapéus masculinos, parados, começaram a fital-as; outros, passando, faziam a mesma cousa. Marianna aborrecu-se da insistencia; mas, notando que fitavam principalmente a amiga, dissolveu-se-lhe o tedio n'uma especie de inveja. Sophia, entretanto, cantava-lhe a historia de alguns chapéus, — ou, mais correctamente, as aventuras. Um delles merecia os pensamentos de Fulana; outro andava derretido por Sierana, e ella por elle, tanto que eram certos na rua do Ouvidor ás quartas e sabbados, entre duas e tres horas. Marianna ouvia aturdida. Na verdade, o chapéu era bonito, trazia uma linda gravata, e possuia um ar entre elegante e pelintra, mas...

— Não juro, ouviu? replicava a outra, mas é o que se diz.

Marianna fitou pensativa o chapéu denunciado. Havia agora mais tres, de igual porte e graça, e provavelmente os quatro fallavam dellas, e fallavam bem. Marianna enrubescer muito, voltou a cabeça para o outro lado, tornou logo á primeira attitudde, e afinal entrou. Entrando, viu na sala duas senhoras recém-chegadas, e com ellas um rapaz que se levantou promptamente e veio cumprimental-a com muita cerimonia. Era o seu primeiro namorado.

MACHADO DE ASSIS.

(Continúa.)

POESIA

Quando no vasto azul, no azul saphira,
 Mergulho meu olhar embebecido;
 E contemplo na terra o colorido
 Que nunca humano artista produzira;

E quando o mar em colera delira,
 Bojando um mundo ás praias destruido;
 Ou se espreguiça manso e adormecido
 Com o leve rumor de quem suspira;

Porque produz em mim tão doce enluto
 E tanto me commove e me fascina,
 D'estes paizéis o esplendido redevo?

E quem a presenciar assim me ensina
 A terra, o mar e o céu? A ti o devo,
 A ti, graciôsa flor, gentil Bettina.

GUILHERME LEITE.

HYGIENE

OS BANHOS

Cuida muita gente que um banho é a coisa mais simples deste mundo.

Muita gente cuida isso, e engana-se: é tão util aprender a tomar banho quanto indispensavel aprender a comer. O banho deve variar conforme os resultados que se deseja obter e conforme o temperamento do individuo. Ha por conseguinte banho e banho; e cumpre que nos capacitemos de que tomado em más condições, ao acaso, pode ser mais prejudicial que favoravel á saúde geral.

O banho exerce varias funções. A primeira e a mais essencial é manter a limpeza do corpo.

As pessoas que se banham uma ou duas vezes por mez imaginam ingenuamente que tem o corpo limpo. E' esse talvez uma derradeira illusão que somos contrungidos a arrebatarmos. O corpo carece ser constantemente lavado, como o rosto. As roupas não o resguardam da poeira, como supõem muitos. O ar está cheio de fragmentos de toda a especie: detritos organicos, parcelas minerais, organismos rudimentares.

Esses fragmentos impalpaveis vêm acanham-se nos na pelle e transformam-se em pó. A roupa que vestimos cede um pouco de sua substancia, a nossa epiderme gasta-se e em breve prazo a pelle lavada torna a cobrir-se de uma camada de materias de toda a especie, perfectamente visivel com o microscopio. A pelle pelo seu lado expelle uma materia gordurosa, o suor escapa-se por todos os poros.

Forma-se então um verdadeiro emboço que nos envolve dos pés á cabeça como uma tunica impermeavel, e as funções da pelle só se effectuam com extrema difficuldade. Sob o ponto de vista hygienico o perigo é palpavel.

A secreção de suor é uma das principaes funções da pelle. A agua e certas substancias em excesso em nosso corpo que acabariam por produzir accidentes si se accumulassem, escapam-se pelos poros. E' necessario que ellas saiam do organismo; feche essas portas, e a molestia sobrevirá.

Ora, não se trata de alguns grammes de agua e materias exhaladas pela pelle; em vinte e quatro horas, exhalamos pela pelle, sob a forma de vapor invisivel, um litro de agua, isto é um kilogrammo. O nosso pulmão, pelo seu lado, desprende meio kilogrammo. Como se vê, não constituimos uma verdadeira fonte intermitente.

Quando porém o suor não inunda o rosto, quando as gotas caem uma a uma sob a influencia de um trabalho energico ou uma marcha accelerada, não devemos contar os grammes por centenas, mas por duas, tres, quatro, cinco, seis, sete kilogrammos em vinte e quatro horas. Deixae a pelle cobrir-se de pó e de fragmentos de toda a especie, sobretudo nesse momento, e ficareis com litros de agua no corpo.

A experiencia confirma facilmente o que diz o raciocinio. Tome diferentes animaes; tire-lhes o pelle ou as penas; untae-lhes o corpo com gomma arábica para tapar-lhes os poros; logo que o verniz ou a gomma seccar, todos os animaes darão signaes de soffrimento.

A falta de limpeza não só impede a pelle de exalar os productos inuteis, mas pode introduzir pelos poros substancias nocivas que, circulando no organismo, são susceptiveis de determinar graves molestias.

A importancia dos banhos sempre foi comprehendida na antiguidade, talvez melhor do que actualmente. Moyses fez delles uma obrigação religiosa. Mahomet impoz aos seus discipulos o uso das abluções. Cada mesquita tem o seu banho publico. Em Roma, os banhos estavam de tal modo nos habitos do povo que se construíram para esse fim verdadeiros monumentos. Um imperador romano tinha no seu palacio tres mil banheiras de marmore.

Sob o simples ponto de vista hygienico, o banho propriamente dito não é indispensavel, pode até, tomado immoderadamente, tornar-se prejudicial.

O que se deve então fazer?

Livrar a superficie da pelle das impurezas queahi se accumulam. Ora, o banho custa dinheiro e tempo, moeda de outra especie que tambem tem curso. Não vos banheis então excepcionalmente, mas lavae o corpo — de tres em tres dias, por exemplo — e exactamente como se lava o rosto. A necessidade é a mesma.

Dentro em alguns minutos, com uma esponja embebida n'agua fria pelo verão, e tepida no inverno, pode-se fazer uma ablução que, sem despeza, dá uma sensação de bem-estar, um sentimento de vigor, e premeio contra as molestias.

O banho deve ser tambem considerado sob o ponto de vista therapeutico. Não tem só por effeito livrar a pelle

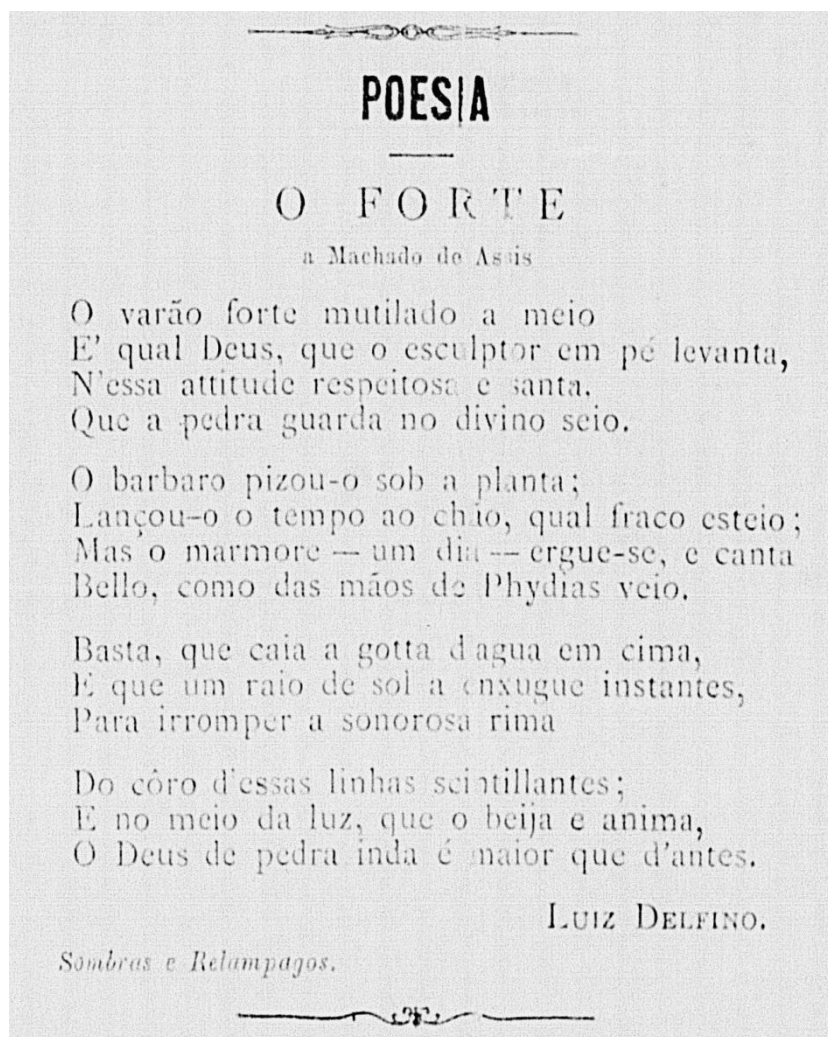
A “Poesia” tinha um papel importante na veiculação e divulgação de material inédito em vias de publicação em livro. Assim como Machado de Assis publicou n’*A Estação* contos que depois seriam integrados a coletâneas (por exemplo, “D. Benedita” e “Cantiga de esponsais”⁶), os colaboradores da “Poesia” também utilizavam o espaço da revista como uma primeira oportunidade para fazer com que seus textos chegassem até o público leitor. O conhecido poema “Vaso chinês”, por exemplo, escrito por Alberto de Oliveira, foi publicado nas páginas d’*A Estação*, em 30 de novembro de 1884, antes de ser publicado em *Sonetos e poemas*, livro de 1885⁷.

Nesse sentido, o caso mais emblemático e mais contraditório é, a meu ver, o do poeta Luís Delfino⁸ (1834-1910), que publica na “Poesia” textos oriundos de quatro livros – *Aspasias*, *Conchas e pérolas*, *Algas e musgos* e *Sombras e relâmpagos* – que, todavia, não vieram a ser publicados em vida (cf. BLAKE, 1899, p. 392, v. 5). Um exemplo está na edição de 15 de fevereiro de 1883, em que um poema dedicado a Machado de Assis, intitulado “O forte”, apresenta, abaixo da assinatura de Luís Delfino, a indicação do título do livro *Sombras e relâmpagos*.

⁶ “D. Benedita” foi publicado em *Papéis avulsos*, enquanto “Cantiga dos esponsais” foi publicado em *Histórias sem data*.

⁷ Ao republicar “Vaso chinês” no livro *Sonetos e poemas*, Alberto de Oliveira faz uma pequena alteração no primeiro verso. Na versão d’*A Estação*, o poema inicia da seguinte maneira: “É um doce mimo aquele vaso. Vi-o”. Já em *Sonetos e poemas*, o verso é o que segue: “Estranho mimo aquele vaso! Vi-o” (OLIVEIRA, 1885, p. 157).

⁸ Veterano da poesia brasileira, Delfino colaborava na imprensa fluminense desde os anos 1860, com uma produção poética que migrou da estética romântica para a parnasiana, assumindo algumas tonalidades simbolistas.



“O forte”, poema publicado na seção “Poesia” d’*A Estação* (15/02/1883, p. 28). Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira/Biblioteca Nacional.

Na ala dos jovens autores, destacam-se Adelino Fontoura (1859-1884) e Alberto de Oliveira (1857-1937). Enquanto o segundo viria a ser conhecido como um dos principais expoentes do Parnasianismo brasileiro, o primeiro, relegado ao esquecimento, alinhava-se ao romantismo temporão que corre paralelo às tendências “modernas” das últimas décadas do XIX. Os poemas de Fontoura a que tive acesso n’*A Estação* orbitam quase que exclusivamente o motivo do amor não correspondido. Exemplo é o poema “De rastros”, publicado em 30 de setembro de 1883.

Por mais que aspire ou queira, anhele ou tente
Esquecer-me de ti, jamais me esqueço,
Oh! bem amado ser por quem padeço,
Por quem tanto soluço inutilmente.

Bem, que te eu peça esvai-se de repente
E só me fica a dor que te não peço!...
E eis tudo oh! céus! eis tudo o que eu mereço

Em paga deste amor tão puro e crente!

Se te não movo, pois, um desafeto
E se apraz ao menos consolar
A desventura amarga deste afeto,

Ilumina com teu divino olhar
Est'alma que a teus pés, anjo dileto,
Vem, banhada de lágrimas, beijar! (FONTOURA, 1883, n. p.)

Em sua produção poética, a figura da mulher é talhada como um ser inatingível, divino – não humano, portanto –, ressoando imagens bem sedimentadas na lírica romântica que, não obstante, ainda gozavam de certo prestígio, haja vista a recorrência da contribuição do poeta nas páginas d'*A Estação*. Em razão do falecimento precoce de Adelino Fontoura, aos vinte e cinco anos, é publicada uma nota em que ele é identificado como colaborador da revista, além de correspondente da *Gazeta da Tarde* em Paris (A. B., 1884, p. 39).

Alberto de Oliveira, por sua vez, é o poeta mais classicizante do período abordado neste artigo, ainda que sob as convenções da forma possamos captar um consistente substrato romântico. Em 1879, Machado de Assis diagnosticava, no ensaio “A nova geração”⁹, uma “tentativa de poesia nova, – uma expressão incompleta, difusa, transitiva, alguma coisa que, se ainda não é o futuro, não é já o passado” (ASSIS, 1879, p. 373). Nesse quadro, o crítico ressaltava que Alberto de Oliveira não iludia ninguém ao publicar *Canções românticas* em 1878, título “condenado entre muitos de seus colegas” (ASSIS, 1879, p. 396), embora já houvesse sinalizações de um projeto que Machado viria a reconhecer como concretizado em seu prefácio a *Meridionais*, livro publicado por Oliveira em 1884:

não achará aqui o desespero, nem o fastio, nem a ironia do século. Se há alguma gota amarga no fundo da taça de ouro em que ele bebe a poesia, é a saudade do passado ou do futuro, alguma coisa remota no tempo ou no espaço, que não seja a vulgaridade presente. Daí essa volta frequente das reminiscências helênicas ou medievais, os belos sonetos em que nos conta o nascimento de Vênus, e tantos outros quadros antigos, ou alusões espalhadas por versos e estrofes (ASSIS, 1900, p. 5).

Apesar do alinhamento do poeta à estética parnasiana, então emergente na lírica brasileira, encontramos, mesmo em *Meridionais*, textos que carregam ecos românticos; um exemplo é o soneto “Saudade da estátua”:

Morreste! mas, mulher, o que ora invade
Meu ser inteiro, súbito ferido,
É a saudade do ídolo partido,
Não a vulgar e pálida saudade;

É a saudade do mármore, a ansiedade
De quem contempla um torso, em mudo olvido,

⁹ “A nova geração” foi publicado no periódico *Revista Brasileira*.

Roto do tempo em fúria ao pulso erguido
Da estátua em ruína a morte majestade.

Sim! que mesmo ajoelhado, a rósea espuma
Beijando dos teus pés, bem que o sabias!
Nunca te amei como se amar costuma;

Nunca! e ainda agora o que me punge e traz
De estranho afeto lágrimas tardias
É um reflexo de marmor, – nada mais (OLIVEIRA, 1884, p. 33).

A mulher morta é transfigurada pelo eu lírico em ídolo quebrado, estátua: a saudade que o amor perdido suscita é mediada, portanto, a partir da fruição estética de quem contempla uma escultura e não por uma perspectiva sentimental. Há que se observar, porém, que “Saudades da estátua” havia sido publicado originalmente n’*A Estação*, em 15 de agosto de 1883, e sofrera mudanças pontuais nesse hiato. A ansiedade “de quem contempla um torso, em mudo olvido” havia sido formulada, na primeira versão, como a ansiedade “de quem contempla um colo mutilado”, sugerindo uma tônica mais sensual, ainda que o âmbito do inorgânico já estivesse bem demarcado como sublimação da paixão¹⁰.

Algo importante a ser destacado em relação à “Poesia” é que, apesar de as mulheres serem o público-alvo d’*A Estação*, há uma evidente hegemonia masculina na posição de autoria da seção, sendo o grupo feminino reduzido a matéria literária, visto que, no plano temático, como já foi possível notar nos poemas mencionados, a mulher é objeto poético privilegiado, comumente idealizada em força da natureza, ser divino ou obra de estatuária. Assim sendo, por mais que haja uma suposta valorização do feminino nos poemas publicados na seção, a mulher é, via de regra, despida de sua humanidade e relegada ao lugar do Outro. Nessa perspectiva, podemos mobilizar a crítica de Simone de Beauvoir às teorias – ou mitos – do matriarcado desenvolvidas por Johann Bachofen e Friedrich Engels para esboçar uma ética subjacente à poética da seção:

dizer que a mulher era o Outro equivale a dizer que não existia entre os sexos uma relação de reciprocidade: Terra, Mãe, Deusa, não era ela para o homem um semelhante: era além do reino humano que seu domínio se afirmava: estava, portanto, fora desse reino. A sociedade sempre foi masculina; o poder público sempre esteve nas mãos dos homens (BEAUVOIR, 2019, p. 105, v. 1).

É o caso do poema “No leito”, assinado por Luís Delfino e publicado no dia 15 de dezembro de 1882.

¹⁰ Segue o poema na íntegra tal como publicado n’*A Estação*: “Morreste! mas, mulher, o que ora invade/ Meu ser inteiro, súbito abalado./ É a saudade do ídolo quebrado./ Não a vulgar e pálida saudade;/ É a saudade do mármore, a ansiedade/ De quem contempla um colo mutilado./ Roto do tempo, um tronco espedaçado./ Da estátua em ruína a morte majestade./ Sim, que mesmo ajoelhado, a rósea espuma/ Beijando dos teus pés (Bem que sabias!)/ Nunca te amei como se amar costuma./ Nunca! e ainda agora o que me punge, e traz/ De extinto afeto lágrimas tardias./ É um reflexo de marmor, – nada mais” (OLIVEIRA, 1883, p. 172).

Como estátua de mármore, na cama
Feita de linho, e sobre o nevoeiro
De rendas, em que rola o travesseiro,
Que luar doce o corpo teu derrama.

Azula-o brandamente etérea chama:
Molha-o a luz do teu olhar fagueiro:
E o sol nos teus dois sóis prisioneiro,
Embalde ir para o céu forceja e clama.

Deixa-o ir. — Fica tu serena e casta
No calor desta alcova pequenina,
Que a imensa curva azul talvez mais vasta.

Deixa-me após na luz que me fascina,
Deste céu, em que estás, e que me basta,
Cair morto aos teus pés, mulher divina (DELFINO, 1882, p. 239).

Por meio da construção de uma atmosfera etérea, a mulher é comparada a uma estátua, sendo cristalizada no espaço fechado da alcova, imóvel e casta em sua cama. A divindade atribuída a essa mulher implica a inação do ídolo cultuado, posicionando-a para além do “reino humano” aludido por Beauvoir, sob o disfarce de certa potência e sacralidade. No último verso vemos a imagem recorrente do eu lírico masculino que se prostra aos pés da amada, disposto a morrer aos pés dessa “mulher divina”; assim, é assegurada a castidade feminina, valor central em uma sociedade patriarcal que reifica a mulher em sua virgindade e na idealização de sua “pureza” a fim de mantê-la dissociada da agência social.

Há, entretanto, em caráter de exceção, representações femininas que destoam desse padrão. Um exemplo que se sobressai é o poema “A rede”, de Mello Moraes Filho (1843-1919), composto por doze quartetos, que retrata a tortura e o assassinato de um homem escravizado submetido ao tronco (único poema que aborda a temática da escravidão no escopo analisado). Nas quatro primeiras estrofes, o poema é emoldurado pelo prenúncio de uma tempestade no campo a partir de uma impressão opressiva, com nuvens grossas que cobrem os montes e uma atmosfera insalubre, cortada por um fuzil, um relâmpago.

O céu é cor de chumbo,
Deserto é o paul!
Nas nuvens grossas d’água
Nem uma nesga azul!

Toucados ‘stão os montes,
Altivos picos, serra...
O ar é insalubre,
Fareja o gado a terra!

A tempestade é próxima:
Passa o fuzil distante;
Há lividez no espaço
Sob o negror possante.

O firmamento lúgubre,
A claridade baça,
É qual d'um globo aceso
A luz entre a fumaça (MORAES FILHO, 1884, p. 136).

Esse enquadramento estabelece uma tensão progressiva que envolve o episódio central que o poema apresenta, a tortura e a morte de um homem escravizado, sem, entretanto fornecer pistas materiais acerca do objeto que viria a ser abordado. Por meio desse procedimento formal, é provável que a leitora ou o leitor fossem surpreendidos pela cena violenta, dissonante das temáticas recorrentes na seção “Poesia”.

Lá num casebre, ao tronco,
Alguém então morria...
O regougar dos ventos
É prece de agonia.

Trabalha, sim, trabalha,
Escravo, o pouso é certo;
Cai-te a enxada ao eito?
Já tens teu poço aberto!

A surra!... A surra aos ferros
Quanto cativo leva!
E resta um mar de sangue,
Que cobre humana treva (MORAES FILHO, 1884, p. 136).

Irrompe em cena, pois, uma das práticas de tortura mais características da *plantation* brasileira, o tronco. Em oposição a discursos que minimizavam a violência do regime escravocrata, em circulação à época e para além dela, o eu lírico apresenta, com ironia amarga, a falta de perspectiva das pessoas escravizadas, cuja única possibilidade de pouso para uma vida de trabalho explorado era a morte. Ainda que de modo sintético, o poeta não se exime de representar o “mar de sangue” que se esvai junto com a vida da vítima, fixando-o na imagem da “rede funerária” de cujo pano “escapa o sangue/ Qual água a um lábio em sede”.

A treva... E ela, a escrava,
Ao eito está de pé;
Grilhão que mais prendera
Ao mundo o vil galé.

Desce eminência úmida
A funerária rede:
Do pano escapa o sangue
Qual água a um lábio em sede.

Balança a rede e geme
Rangendo ao caibro forte...
Ao ombro de dous homens
A escravidão e a morte!!... (MORAES FILHO, 1884, p. 136).

Delineamos, nessas estrofes, os contornos de outros personagens, como os dois homens que carregam o corpo do homem assassinado com o auxílio da rede e, sobretudo, a mulher determinada como “a escrava”. O curso do poema, com um morto que passava “sem pranto ao cemitério”, será interrompido, porém, por essa personagem feminina:

Mas, onde, aonde levam
Esse caixão aéreo?...
Silêncio! Um morto passa
Sem pranto ao cemitério.
.....

“– É meu marido!!...” O açoute
Dardeja – um corpo cai!
Rola o trovão no espaço...
E vai a rede... e vai... (MORAES FILHO, 1884, p. 136).

POESIA

A RÊDE

O céu é côr de chumbo,
Deserto é o paúl!
Nas nuvens grossas d'agua
Nem uma nesga azul!

Toucados 'stão os montes,
Altivos pincos, serra...
O ar é insalubre,
Fareja o gado a terra!

A tempestade é proxima :
Passa o fuzil distante ;
Ha lividez no espaço
Sob o negror possante.

O firmamento lugubre,
A' claridade bacia,
E' qual d'um globo aceso
A luz entre a fumaça.

Lá n'um casebre, ao tronco,
Alguem então morria...
O regougar dos ventos
E' prece de agonia.

Trabalha, sim, trabalha,
Escravo, o pouso é certo ;
Cáe-te a enxada ao eito ?
Já tens teu posso aberto !

A surra ! ... A surra aos ferros
Quanto captivo leva !
E resta um mar de sangue,
Que cobre humana treva.

A treva... E ella, a escrava,
Ao eito está de pé ;
Grilhão que mais prendera
Ao mundo o vil galé.

Desce eminencia humida
A funeraria rêde :
Do panno escapa o sangue
Qual agua a um labio em sêde.

Balança a rêde e geme
Rangendo ao caibro forte...
Ao hombro de dous homens
A escravidão e a morte !!...

Mas, onde, aonde levam
Esse caixão aereo ?...
Silencio ! Um morto passa
Sem pranto ao cemiterio.

.....
« — E' meu marido !!... » O açoute
Dardeja — um corpo cãe !
Rôla o trovão no espaço...
E vae a rêde... e vae...

MELLO MORAES FILHO.

“A rede”, poema publicado na seção “Poesia” d’*A Estação* (30/06/1881, p. 136). Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira/Biblioteca Nacional.

A asserção da personagem de que o homem assassinado é seu marido implica um confronto direto com a ordem de desumanização mantida pela estrutura escravocrata em cuja representação ela está integrada. Ainda que essa personagem anônima seja circunscrita ao lugar do Outro no poema – ou do Outro do Outro¹¹, visto que, além de mulher, trata-se de uma mulher escravizada –, seu grito fugaz irrompe ao final do poema, reclamando sua humanidade e o vínculo matrimonial com o homem assassinado.

Mello Moraes Filho era figura recorrente nas páginas d'*A Estação*, tanto por sua obra poética quanto por estudos de cunho historiográfico, como seu *Curso de literatura brasileira* e a antologia poética *Parnaso brasileiro*, e de cunho etnográfico, como seu *Cancioneiro dos ciganos*. Na seção “Bibliographia” publicada na edição de 15 de março de 1881, é anunciado seu “elegante volume de versos” intitulado *Cantos do Equador*, dividido em três partes: “Sertões e florestas”, “Noturnos e fantasias” e “Poemas da escravidão”¹². Apesar de apontar certa falta de arte na poesia do autor, o resenhista¹³ não deixa de ressaltar que a última parte do livro, “a mais simpática e talvez a mais sentida, foi posta ao serviço de uma grande causa – a da abolição” (BIBLIOGRAPHIA, 1881, p. 52).

Vale apontar que, em editoriais d'*A Estação*, é possível encontrar um posicionamento favorável ao fim da exploração do trabalho escravo no Brasil. Um exemplo é o texto intitulado “25 de março”, publicado em 31 de março de 1884, em que há uma celebração à abolição no Ceará, primeira província brasileira a libertar os escravizados¹⁴. No que se refere aos textos dos colaboradores, porém, tal posicionamento não é linear, uma vez que nos deparamos, por exemplo, tanto com crônicas que, explícita ou implicitamente, condenam a escravização, quanto com crônicas destinadas a fornecer sugestões sobre como lidar com os “criados”.

¹¹ Essa formulação foi desenvolvida por Djamila Ribeiro (2019, p. 37) com base em reflexão de Grada Kilomba. Segundo Kilomba (2019, p. 97-98), o racismo genderizado cria um “terceiro espaço” em que se entrecruzam formas de opressão de gênero e raça, materializadas em violências específicas.

¹² Em 1900 seria publicada uma edição definitiva de *Cantos do Equador*, com estudo de Xavier Marques e introdução de Silvio Romero, à qual o poema “A rede” seria integrado, junto a diversas outras inserções. Há apenas uma alteração digna de nota: o verso “Lá num casebre, ao tronco” é reescrito como “Mas num casebre, ao tronco” (MORAES FILHO, 1900, p. 183), em que a conjunção adversativa estabelece uma oposição, ainda que tênue, entre a atmosfera opressiva da tempestade, no âmbito da natureza, com a barbárie humana.

¹³ Esta “Bibliographia” não está assinada, prática, inclusive, bastante comum na seção.

¹⁴ Segue o texto na íntegra: “*A Estação* acompanhou jubilosa os magníficos festejos com que a capital do Império solenizou a liberdade do Ceará, que é verdadeiramente o início da próxima libertação do nosso território. Louvores pois e aplausos sem conto aos heróis desta esplêndida vitória que nem desembainharam as espadas, nem fizeram correr sangue de irmãos, e que muito breve nos seja dado inscrever nestas páginas destinadas à família brasileira esta simples frase, que contém a primeira aspiração da pátria: NÃO HÁ MAIS ESCRAVOS NO BRASIL (“25 de março”, *A Estação*, 31/03/1884, p. 25).

No caso do poema de Mello Moraes Filho, entrevemos um posicionamento mais engajado em relação ao tema, e esse posicionamento torna-se mais potente quando levamos em consideração o tipo de conteúdo que geralmente era veiculado na seção “Poesia” e que, muito provavelmente, uma parcela expressiva das assinantes se valia do trabalho de escravizados. Essa tomada de posição no contexto d’*A Estação*, entretanto, não transgride os limites da elite liberal, nem envereda pelo republicanismo mais radical, mantendo uma postura conciliadora que equilibra os valores burgueses, em ascensão, com o prestígio e a tradição aristocrático-latifundiária.

Considerações finais

Neste breve estudo, observamos que, junto à “Litteratura”, a “Poesia” foi um dos principais espaços d’*A Estação* dedicados à publicação de textos literários, veiculando e promovendo a produção de um conjunto heterogêneo de autores. Apesar de contar com a colaboração de poetas experientes, a maioria dos nomes que estampavam a seção era de jovens escritores em ascensão no mercado editorial. Alinhando-se à proposta do periódico de tornar o suplemento literário “nosso”, esses poetas eram, em sua grande maioria, brasileiros.

No que diz respeito ao *corpus* da seção, encontramos uma adequação às correntes literárias vigentes, cujo espectro concilia tanto propostas que se identificam mais à estética romântica, como na produção de Luís Delfino, por exemplo, como poéticas que se afastam dessas convenções – sem, entretanto, implicar grandes rupturas –, como é o caso dos versos parnasianos de Alberto de Oliveira. A partir da leitura do conjunto, podemos delinear uma proposta editorial subjacente à “Poesia” calcada na projeção de um público leitor composto majoritariamente por mulheres oriundas de classes medianas e da elite, supostamente afeitas a temáticas sentimentais e amorosas, de um lado, mas também abertas a certas inovações formais. Essa linha editorial, contudo, não deixa de apresentar alguma margem para tensionamentos, como pudemos observar por meio da análise do poema “A rede”.

Referências

- A. B. Adelino Fontoura. *A Estação*: jornal ilustrado para a família, Rio de Janeiro, p. 39, 15 maio 1884.
- ASSIS, Joaquim Maria Machado de. A nova geração. *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, p. 373-413, 1879, v. 2.
- ASSIS, Joaquim Maria Machado de. Quando em 1879... In: OLIVEIRA, Alberto de. *Poesias*: edição definitiva com juízos críticos de Machado de Assis, Araripe Júnior e Affonso Celso. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1900. p. 3-7.
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Tradução de Sérgio Milliet. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019. 2 v.

- BIBLIOGRAPHIA. *A Estação*: jornal ilustrado para a família, Rio de Janeiro, p. 52, 15 mar. 1881.
- BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1899. 7. v.
- DELFINO, Luís. No leito. *A Estação*: jornal ilustrado para a família, Rio de Janeiro, p. 239, 15 dez. 1882.
- FONTOURA, Adelino. De rastros. *A Estação*: jornal ilustrado para a família, Rio de Janeiro, n. p., 30 set. 1883.
- KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação*: episódios de racismo cotidiano. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- MORAES FILHO, Alexandre José de Mello. *Cantos do Equador*. Rio de Janeiro: Tip. de G. Leuzinger e Filhos, 1881.
- MORAES FILHO, Alexandre José de Mello. A rede. *A Estação*: jornal ilustrado para a família, Rio de Janeiro, p. 136, 30 jun. 1884.
- MORAES FILHO, Alexandre José de Mello. *Cantos do Equador*: edição definitiva. Com estudo de Xavier Marques e introdução de Silvio Romero. Rio de Janeiro: H. Garnier, Livreiro Editor, 1900.
- OLIVEIRA, Alberto de. Saudade da estátua. *A Estação*: jornal ilustrado para a família, Rio de Janeiro, p. 172, 15 ago. 1883.
- OLIVEIRA, Alberto de. *Sonetos e poemas*. Rio de Janeiro: Imprensa de Moreira Maximino & C., 1885.
- OLIVEIRA, Alberto de. *Meridionais*. In: OLIVEIRA, Alberto de. *Poesias*: edição definitiva com juízos críticos de Machado de Assis, Araripe Júnior e Affonso Celso. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1900.
- OS EDITORES. Aos nossos leitores. *A Estação*: jornal ilustrado para a família, Rio de Janeiro, p. 1, 15 jan. 1879.
- RIBEIRO, Djamila. *Lugar de fala*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

Recebido em: 29/11/2022; **Aceito em:** 12/12/2022